



Fundado no
Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO
SUL

Bicentenário de Sampaio

Ano 2010

Nº 89

O “PATRONO DA ANISTIA”

O recente julgamento pelo STF, referente à Lei da Anistia, de 1979, constituiu-se em um marco histórico do Direito brasileiro. Os votos primaram pela análise estritamente técnica à luz e pela recorrência à historicidade jurídica nacional, das mais de trinta anistias concedidas ao longo da história-pátria, como tão bem lembrou o relator, Ministro Eros Grau.

“É impossível Majestade, ainda há juízes em Berlim”, dizia o humilde moleiro que não cedeu às pressões de Frederico II, para a derrubada de seu moinho, como nos narra a História...

Entretanto, faltou algo mais nos argumentos de nossos Magistrados: a citação do augusto nome do Duque de Caxias, “O Pacificador”, “Nume Tutelar da Nacionalidade”, “Condestável do Império”, Patrono do Exército Brasileiro.

Quando da concessão da anistia aos vencidos, em especial ao término da Revolução Farroupilha, evidenciou-se, cabalmente, o espírito magnânimo deste inigualável brasileiro, o responsável pela grandeza e inteireza territorial do Brasil, juntamente com o Barão do Rio Branco. O Duque de Caxias também ganhou do emérito historiador militar, Coronel Cláudio Moreira Bento, o epíteto de “Pioneiro Abolicionista”, por haver concedido a liberdade aos cativos farroupilhas.

Impende lembrar, por assaz relevante, que Caxias recebeu ainda, do saudoso jornalista, historiador e acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, a notável honorificência titular de “O PATRONO DA ANISTIA”, em memorável artigo, com o citado título, publicado no “Jornal do Brasil”, de 22 de maio de 1988. Disse o mencionado acadêmico, em um trecho de seu brilhantíssimo trabalho:

“Se tivesse que eleger um Patrono para a defesa ou a exaltação da Anistia, ficaria indeciso entre dois nomes, que me pareciam recomendados para essa função gloriosa, o de Rui Barbosa e o do Duque de Caxias. Rui Barbosa com os seus trabalhos jurídicos e sua atuação de advogado. O Duque de Caxias pelos exemplos que nos legou. E acabaria optando pelo militar que, antes das batalhas, fazia da promessa da anistia um elemento de pacificação”.

E, mais à frente, conclui o jornalista – tido como “homem de esquerda”:

“Logo depois do combate de Santa Luzia, em que foram vencidos e esmagados os revoltosos do Partido Liberal, quando Caxias foi informado de que os vencidos vinham caminhando dois a dois acorrentados e algemados, tomou medidas imediatas para que lhes tirassem as algemas e lhes dessem cavalos, no percurso que devia conduzir a Ouro Preto. E entre os acorrentados vinham altas figuras da Monarquia, à frente de todos, uma glória do liberalismo brasileiro, Teófilo Ottoni”.

Por derradeiro e como corolário a essas breves considerações, na relembração do grande esquecido no julgamento linhas atrás referido, o ínclito Duque de Caxias, “O Patrono da Anistia”, gostaria de citar o inolvidável sociólogo Gilberto Freyre que, reconhecendo o caráter adamantino e as peregrinas virtudes do “Soldado-Maior”, cunhou a expressão “caxias”, uma metáfora caída na consagração popular, com a qual são

apelidados aqueles que cumprem integralmente os seus deveres. “Os Caxias”, disse Gilberto Freyre, “devem ser tanto paisanos quanto militares. O ‘caxiismo’ deveria ser aprendido tanto nas escolas civis quanto nas militares. É o Brasil inteiro que precisa dele”.

Manoel Soriano Neto (Coronel Reformado do Exército, de Infantaria e Estado-Maior; Historiador Militar e Advogado).

A QUARTA FORÇA

(uma saudosa experiência)

O avanço tecnológico, com reflexos no desenvolvimento dos sistemas operacionais, tem se manifestado com novas exigências para a avaliação da doutrina e para o emprego de forças, principalmente pelo aumento da quantidade de informações e pelo tempo para seu processamento.

Novas tecnologias, especialmente nas áreas de comunicações e informática, têm aumentado a capacidade dos sistemas, gerando uma série de novas possibilidades, tais como a transmissão e recepção de mensagens em alta velocidade, o acompanhamento das operações em tempo real e o conseqüente processamento de grandes volumes de informações.

Essa é uma dinâmica atual e um dos desafios que os planejadores militares enfrentam. Significa contar com meios que permitam obter e reunir a informação, armazená-la e processá-la para, finalmente, disponibilizá-la no momento oportuno.

Em qualquer época, guardadas as proporções, a necessidade de um eficaz gerenciamento da informação sempre dependeu de instrumentos capazes de auxiliar os comandantes no processo decisório.

Em razão disso, é possível imaginar, na década de 80, as dificuldades das unidades de comunicações para instalar e operar sistemas de comando e controle com a finalidade de permitir o processamento, emprego e difusão da informação de forma clara, oportuna e segura para conduzir atividades ou operações. Rádio, fio e mensageiros eram os principais meios existentes. As mensagens eram processadas manualmente e quanto maior a mobilidade, maior o transtorno.

Com os precários e limitados meios existentes, era preciso um grande esforço da tropa para proporcionar o adequado domínio da informação pelo comando. Graças à dedicação de cada operador e ao empenho das turmas e grupos de comunicações, os sistemas nunca deixavam de cumprir a sua destinação. *“A mensagem tinha que chegar ao seu destinatário”.*

Nesse contexto, vem a mente a **“Quarta Força”**. E porque **“Quarta Força”**? Como surgiu este termo?

A 6ª Bda Inf Bld, sediada em Santa Maria, RS, é a Grande Unidade de maior poder de fogo de nosso EB. Sua missão é manter elevada capacidade de dissuasão proporcionada pela proteção blindada, poder de fogo, flexibilidade e adestramento de seus meios orgânicos, para cumprir missões, preferencialmente ofensivas.

Na década de 80, pela doutrina vigente, ela era constituída de 2 (dois) Batalhões de Infantaria Blindados (7º e 29º), o 4º RCC e o 8º BIMtz (previsto para atuar como Força de Acompanhamento e Apoio). Além disso, possuía o 3º GAC AP, o 4º Blog e a BiaAAAé.

A 3ª Cia Com Bld era o elemento de comunicações orgânico da Bda e, eventualmente, apoiava também o Comando da 3ª DE, que ainda não dispunha de seu Batalhão de Comunicações.

Em 1985, a título de motivação durante formaturas e reuniões com oficiais e praças, o Comandante da Cia ressaltava constantemente a importância do perfeito funcionamento dos meios de comunicações para o êxito do emprego da Brigada. Era colocado que “de nada adiantaria a Brigada dispor de uma forte Infantaria, uma potente Cavalaria e um grande poder de fogo proporcionado pela Artilharia se as comunicações não fossem eficientes”. Enfatizava: *“Nós constituímos, na realidade, uma quarta força dentro da Brigada”.*

Para surpresa, a excelente oficialidade existente na Cia adotou o termo no âmbito dos pelotões. Daí expandiu-se para a subunidade toda.

O sucesso do sistema de comunicações a cada exercício realizado disseminava um sentimento de extrema satisfação não só no comando, mas em todos os integrantes da 3ª Cia Com Bld. O resultado foi positivo.

O termo, portanto, “*pegou*”.

Alguns, talvez demonstrando um excesso de confiança, diziam que a Brigada tinha Infantaria, Cavalaria, Artilharia e a **Quarta Força**. Outros, em tom de gaiatice, diziam que o Brasil tinha Marinha, Exército, Aeronáutica e a **“Quarta Força”**.

Verificava-se que o uso do termo, além de incentivar a busca de melhores resultados em todas as atividades, contribuía também para fortalecer o espírito de corpo.

Quem integrou a **“Quarta Força”**, com certeza pode afirmar que o contagiante profissionalismo de seus militares e o clima organizacional foram responsáveis por essa saudosa e vibrante experiência.

Recentes conflitos têm demonstrado que para obter êxito na condução das operações os comandantes, nos diversos níveis, dependem primordialmente de comunicações confiáveis e seguras para o exercício do comando e controle e de homens preparados e motivados.

Na simplicidade deste texto, cabe uma homenagem aos antigos companheiros do dia-a-dia, do silente trabalho das comunicações, que com entusiasmo e dedicação asseguraram o êxito no cumprimento das missões e a manutenção dessa idéia denominada **“Quarta Força”**.

Não é um lema, mas uma demonstração da atitude dos profissionais de comunicações e ainda permanece no âmbito dos atuais integrantes da 3ª Cia Com Bld, que continuam transmitindo pelos *“nossos fios e nossas antenas”* as ondas vibrantes da Arma do Comando e pela sua conduta o valor do soldado brasileiro.

EMÍLIO JOAQUIM DE OLIVEIRA JÚNIOR – Cel R1/ Com

Bicentenário de Sampaio

Dentro da programação montada pelo Comando Militar do Sul para as comemorações dos 200 anos do nascimento do Patrono da Infantaria, haverá um Ciclo de Palestras, cuja organização contou com a colaboração da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS).

As palestras serão iniciadas às 1400 h do dia 19 de maio, 4ª feira, no Auditório novo do QGI, no 1º piso.

Os palestrantes serão os coronéis Juvêncio Saldanha Lemos e Cláudio Moreira Bento. Haverá uma apresentação a cargo do 19º BIMtz.

Ao final, juntamente com um coquetel no Salão Nobre (5º andar), o Cel Bento lançará o seu livro:

- Sampaio – Patrono da Infantaria -

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel

Vice-presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS

Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara/Porto Alegre